

POR UMA CONCEPÇÃO POLÍTICA DA ESCOLA E DA LINGUAGEM: APROXIMAÇÕES ENTRE BELL HOOKS E MAGDA SOARES

TOWARDS A POLITICAL CONCEPTION OF SCHOOL AND LANGUAGE: SIMILARITIES BETWEEN
BELL HOOKS AND MAGDA SOARES

Eliane Peres

Universidade Federal de Pelotas
eteperes@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste ensaio é colocar em diálogo algumas ideias desenvolvidas por Magda Soares no livro *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*, de 1986, uma das mais importantes contribuições da intelectual no que tange à compreensão da escola e da linguagem na sua dimensão política, e as ideias de bell hooks, nessa mesma perspectiva e desenvolvidas em principalmente em três obras: *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade* (2017 [1994]), *Ensinando comunidade. Uma pedagogia da esperança* (2021 [2003]) e *Ensinando pensamento crítico. Sabedoria prática* (2020 [2010]). Magda Soares e bell hooks denunciaram as desigualdades sociais e suas relações com o desempenho dos alunos, reconheceram a diversidade cultural e sua importância no contexto escolar, defenderam a importância da qualidade da escola para as minorias, reconheceram as possibilidades de uma pedagogia transformadora, destacaram a importância da atuação das forças progressistas no ambiente escolar e reafirmaram a sala de aula como um espaço possível para o exercício da diversidade, da alteridade, da crítica, da cidadania, da manifestação das diversas culturas, da formação integral.

Palavras chaves: bell hooks, Magda Soares, educação, escola, linguagem.

ABSTRACT

This essay discusses ideas of Brazilian scholar Magda Soares, from her 1986 book *Linguagem e Escola: uma perspectiva social (Language and School: a social perspective)*, one of her most important contributions on the political understanding of school and language. Such ideas are compared to those of bell hooks, which are mainly developed in three works: *Teaching to Transgress* (2014 [1994]); *Teaching Community: A Pedagogy of Hope* (2021 [2003]); and *Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom* (2020 [2010]). Soares and hooks exposed social inequalities and their association with student performance. Likewise, the authors recognized cultural diversity and its influence in the school context, defended the importance of quality education for minorities and considered the possibilities of a transformative teaching. Both authors also emphasized the importance of progressive thinking in the school environment and reinforced the idea of classroom as a possible space for the manifestation of diversity, alterity, criticism, citizenship, cultural diversity and integral education.

Key words: bell hooks, Magda Soares, education, school, language.

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitem conquistar mais amplas condições de participação cultural e de reivindicação social. (Magda Soares, 1997, p. 73).

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. (bell hooks, 2017, p. 25).

1. Primeiras palavras

O desejo de escrever este ensaio advém da força inspiradora de uma das principais obras de Magda Soares, *Linguagem e Escola*, de 1986 – com sucessivas reedições¹ -, e dos estudos recentes que tenho feito das obras da pensadora feminista negra estadunidense bell hooks² – cuja obra e vida foi fortemente inspirada pelo pensamento de Paulo Freire³ -, em especial *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade* (2017 [1994]), *Ensinando comunidade. Uma pedagogia da esperança* (2021 [2003]) e *Ensinando pensamento crítico. Sabedoria prática* (2020 [2010]). As obras das duas pensadoras mudam a visão sobre educação, escola, linguagem, alfabetização de quem as lê.

Linguagem e Escola: uma perspectiva social, embora seja um livro resultado de seu tempo – segunda metade dos anos 1980 - continua atual e necessário à formação das novas gerações, especialmente para a compreensão das explicações para o fracasso das classes populares na escola e de como se dá a relação entre linguagem, escola e classe social⁴. É, acima de tudo, uma contribuição para aqueles e aquelas que acreditam nas possibilidades não só na democratização do acesso à escola, mas também na democratização do acesso à aprendizagem de qualidade, como ressaltado na reedição do livro em pauta (SOARES, 2021, p. 8).

1 O exemplar do qual faço uso neste ensaio é 15ª edição, de 1997 (Ática). As citações são todas retiradas dessa versão, que contém o mesmo texto do original de 1986. Faço referência, também, à nova edição, revista e ampliada, de 2021 (Contexto, 18ª ed., 3ª reimpressão).

2 O nome original de bell hooks era Gloria Jean Watkins (ela nasceu em 1952, na cidade de Hopkinsville, Kentucky, USA, e morreu em 2021, aos 69 anos, em Berea, Kentucky). Ela escolheu tal pseudônimo em homenagem à sua bisavó, que se chamava Bell Blair Hooks. O nome escolhido é grafado em minúsculo em razão de uma posição política da intelectual, que queria enfatizar, em seus escritos, as suas ideias e não o seu nome.

3 Aliás, a influência freiriana é algo em comum entre as duas pensadoras. Diz bell hooks (2017, p. 66): “Paulo [Freire] foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência”. Em sua entrevista de 2022, falando de sua trajetória docente e do livro *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*, Magda Soares afirmou: “As primeiras leituras a que me dediquei iam em busca de esclarecimentos sobre as questões linguísticas e sociais que me fizessem compreender o que Paulo Freire chamou de terrível malvadeza do sistema capitalista. Foram os livros que ele foi produzindo ao longo dos anos que devorei, e mais pesquisadores que discutiam essas mesmas questões que me atormentavam, Bernstein, Labov, Bourdieu, e pesquisadores que no Brasil também estavam e estão discutindo essas questões, que incorporei na recente reedição revista e aumentada de *Linguagem e escola: uma perspectiva social*” (SOARES, 2022, p. 4).

4 Sobre as reedições de *Linguagem e Escola*, em entrevista, em 2022, Magda afirmou: “Confesso que me decepciona um pouco que *Linguagem e escola: uma perspectiva social* já tenha tido incontáveis reedições, desejaria que ele já tivesse contribuído mais intensamente não só para a aproximação necessária entre a educação e os estudos da linguagem, mas também para a diminuição das desigualdades sociais e educacionais. Muitas reedições, mas poucas mudanças no que o livro denuncia”. (SOARES, 2022, p. 4).

A própria Magda, em uma de suas últimas entrevistas – se não a última -, em agosto de 2022, ao *Cadernos de Educação*, da UFPel, respondeu a uma pergunta da entrevistadora, professora Ana Ruth Moresco Miranda, sobre o livro em apreço. Disse ela, falando de *Linguagem e Escola*: “dos livros que escrevi, ao longo da vida, considero esse o mais significativo, porque foi fruto do que eu chamaria uma ‘epifania’, uma revelação que me transformou e transformou minha visão da realidade” (SOARES, 2022, p. 3). E explica que, vindo de uma classe média e tendo ido trabalhar em uma escola pública na periferia, “de repente, inesperadamente, uma outra humanidade se revelou, uma outra modalidade de português me surpreendeu, sobretudo outras condições de vida, de moradia, de interação social, de inserção na sociedade” (SOARES, 2022, p. 3-4). Essa é a epifania à qual se referiu.

Ainda sobre a obra, ela afirmou, na entrevista referida, que: “a escrita desse livro foi a urgência que sempre sentimos, os pesquisadores, os estudiosos das áreas sociais, neste país em que vivemos, de compartilhar nossas angústias e nossa responsabilidade de lutar pela igualdade e a equidade social e educacional” (SOARES, 2022, p. 4). Trinta e seis anos depois do lançamento do livro, a intelectual continuava, coerentemente, relembando a necessidade da luta por justiça e contra as desigualdades sociais.

Já na Introdução de *Linguagem e Escola*, Magda Soares afirmou o propósito da obra: analisar o problema da educação das camadas populares no Brasil. Para além disso, reafirmava que a escola para o povo era insatisfatória, quantitativa e qualitativamente: “a escola que temos é antes *contra* o povo que *para* o povo” (SOARES, 1997, p. 5, grifos no original). Conforme contexto e dados do período em que o livro foi escrito – atualizados na edição revista - Magda insistia na ideia de que estava ocorrendo um processo de democratização do *acesso à escola*, mas não ainda de democratização *da escola*. O fracasso escolar das camadas populares demonstrava a incompetência da escola, acentuando as desigualdades sociais, segundo ela. Atribui, na obra, que parte dessa incompetência se devia à linguagem, cujo padrões linguísticos, na escola, serviam aos interesses das classes privilegiadas, e que a linguagem das camadas populares era censurada e estigmatizada.

bell hooks, no texto *A Língua*, em *Ensinando a transgredir* (2017), estabelece a relação entre língua e dominação. Diz ela que o inglês padrão, que matou muitas outras línguas no contexto estadunidense, é a língua da conquista e da dominação. O problema, afirmou ela, não é a língua em si, mas o que “os opressores fazem com ela, como eles a moldam para transformá-la num território que limita e define, como a tornam uma arma capaz de envergonhar, humilhar, colonizar” (bell hooks, 2017, p. 224). Entretanto, a pensadora problematiza a relação entre dominação e língua a partir de um poema de Adrienne Rich que marcou seu primeiro ano na faculdade, na estrofe que dizia: “*Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você*” (2017, p. 224, grifo no original). Por aí se percebe a complexidade dessa relação. Talvez por isso Magda Soares discuta, no livro em pauta, a ideia do *bidialetalismo para a transformação* (SOARES, 1997 [1986], p. 75), que é a capacidade de o indivíduo falar duas línguas e de a escola reconhecê-las e trabalhar com ambas⁵.

Se bell hooks e Magda Soares pudessem conversar, elas teriam muito a dizer uma à outra; há muitas convergências no pensamento das duas intelectuais, guardadas as diferenças de contexto e do espaço-tempo da produção. Não sendo mais possível tal conversação⁶, o diálogo é plausível,

5 Termo criado pela Sociolinguística, por analogia ao bilinguismo (SOARES, 2021, p. 125). Segundo Magda Soares, “o bidialetalismo que uma escola transformadora sugere não é [...] uma proposta apenas para o ensino da língua materna, mas para todas as atividades escolares em que a língua materna é o instrumento básico de comunicação – e estas constituem a quase totalidade das atividades da escola” (SOARES, 1997, p. 76).

6 A intelectual negra estadunidense faleceu em dezembro de 2021, aos 69 anos. Magda Soares, nossa grande mestra, como é de conhecimento de todos e todas, nos deixou em 1º de dezembro de 2023.

felizmente, pelo legado deixado por ambas. Coloco em confronto, aqui, como destacado, alguns aspectos da obra *Linguagem e Escola*, publicada pela primeira vez em 1986, sendo uma das maiores contribuições de Magda Soares ao entendimento político da escola e da linguagem, e as três obras de bell hooks mencionadas⁷.

Antes da continuação da aproximação de algumas ideias das intelectuais, advirto que este ensaio não é uma análise pormenorizada das obras em questão. Não é esse o objetivo, tampouco teria condições de fazê-lo. As obras estão aí para serem lidas na sua íntegra. Nada mais adequado do que a leitura dos originais e a discussão e a reflexão a partir deles. O objetivo aqui é apontar pontos de convergência entre algumas ideias das autoras expressas nas obras citadas e na vida e trabalho de ambas.

Magda Soares e bell hooks a favor da educação e da escola transformadora

O livro *Linguagem e Escola* continua sendo inspirador para pensar as desigualdades educacionais, os preconceitos linguísticos, as explicações – não superadas – da ideologia do dom, da deficiência e das diferenças culturais; é especialmente potente para refletir acerca da relação entre linguagem, escola e classe social. O sistema de dominação social e como ele se expressa no uso da linguagem na escola é tema de análise na obra citada.

Nesse sentido, o livro é potente pois, como afirmou bell hooks (2021, p. 94), temos que ser desafiados, como educadores e educadoras, “a examinar os modos como apoiamos, seja consciente ou inconscientemente, as estruturas de dominação existentes”. Mais do que isso, “temos de trabalhar para encontrar maneiras de ensinar e compartilhar conhecimento de modo a não reforçar estruturas existentes de dominação (aquelas hierarquias de raça, gênero, classe e religião)” (bell hooks, 2021a, p. 94). É preciso, pois, construir, pela via da educação, uma mentalidade “descolonizadora”, considerando que “somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora”, que molda nossa consciência e ações (bell hooks, 2020, p. 56). Para ela, é preciso “desafiar a concepção de que certas formas de saber são sempre e somente acessíveis à elite” (bell hooks, 2021, p. 89).

Uma das principais reivindicações e lutas de bell hooks ao longo da vida foi por uma educação multicultural, contra a cultura do dominador, que precisa, segundo ela, ser questionada e cotidianamente disputada no reconhecimento e na construção de outras culturas. A pensadora estadunidense enfrenta, em seus escritos, a política da dominação e mostra como isso se reproduz no contexto educacional (sempre associando racismo, sexismo e questões de classe social).

Magda Soares também denunciou o caráter classista da escola e da linguagem no contexto brasileiro. Sua incansável luta, expressa desde os anos 80 do século XX e representadas no livro *Linguagem e Escola*, foi pela garantia da escola de qualidade para as camadas populares, na qual suas culturas, experiências e linguagens fossem respeitadas. Trata-se daquilo que bell hooks chama de “códigos culturais”. Segundo ela, para ensinar eficazmente discentes diversos é preciso aprender seus “códigos culturais” (bell hooks, 2017, p. 59). Esse é um ato que, por si só, segundo ela, transforma a sala de aula.

7 Convém salientar que os escritos de bell hooks e sua condição de mulher ativista feminista negra, centram-se na crítica contra o patriarcado capitalista imperialista supremacista branco. Esse principal tópico de suas obras não será aqui insistentemente destacado, considerando que o objetivo deste ensaio é aproximar aspectos de seu pensamento e de Magda Soares. Assim, os aspectos relacionados mais especificamente à educação, ao ensino, à sala de aula e à linguagem, principalmente, é que serão enfatizados. Ademais, as obras de bell hooks escolhidas são aquelas que mais diretamente tratam desses assuntos, destacando que a crítica feminista, a denúncia do caráter racista e sexista da sociedade e da educação, as dimensões do patriarcado e do capitalismo e da supremacia branca não estão ausentes de sua trilogia dedicada ao tema da educação e do ensino. Para saber mais, além de ler as obras no original, ver o Prefácio à edição brasileira de Sérgio Haddad em *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. O referido Prefácio intitula-se *Paulo Freire e bell hooks: um encontro permanente*.

Transformar a sala de aula, democratizar a escola, ressaltar a diversidade de culturas, destacar as relações entre linguagem e cultura, criticar o conceito de “déficit linguístico” e de “privação cultural”, denunciar o caráter classista da escola e como ele se expressa no cotidiano escolar e nos usos da linguagem na escola, explicar os antagonismos e assimetrias sociais, mostrar como são legitimadas as desigualdades na instituição escolar e reafirmar a relação entre grupos socioeconomicamente desfavorecidos e fracasso escolar são aspectos em evidência em *Linguagem e Escola*.

Ancorada nas teorias em destaque nos anos de 1980, Magda Soares vai, paulatinamente, explicando essas relações e demonstrando como a linguagem é “o fator de maior relevância nas explicações do fracasso escolar das camadas populares. É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso” (SOARES, 1997, p. 17).

Chamando a atenção para as variações linguísticas – caracterizadas em *Linguagem e Escola* como dialeto padrão e não-padrão, revisto na nova edição para variedade linguística –, Magda escreveu que:

As atitudes que estigmatizam os dialetos não-padrão são, na verdade, atitudes em relação às condições sociais dos que os utilizam, e têm origem numa estrutura social que separa, de forma discriminativa, grupos de indivíduos em classes, em minorias étnicas, econômicas etc.; por isso atitudes fundamentalmente resistentes à mudança. Só uma transformação da estrutura social poderia tornar possível essa mudança de atitude (SOARES, 1997, p. 49)⁸.

Não se pode, pois, “dissociar a linguagem da estrutura social em que é usada”, afirmou Magda Soares (1997, p. 55), discutindo a relação entre linguagem, classe social e escola a partir de Pierre Bourdieu (como uma *relação de força simbólica* na perspectiva da *economia das trocas linguísticas*). Ela acrescenta: “os usos da língua dependem da posição dos interlocutores na estrutura das relações de força simbólicas” (SOARES, 1997, p. 56).

A posição dos sujeitos na estrutura social do ponto de vista da raça, da classe e do *gênero e como isso reverbera na educação é o cerne do pensamento interseccional de bell hooks*. Em *Ensinando a transgredir*, ela reafirma a necessidade de que o contexto de sala de aula seja “transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão” (bell hooks, 2017, p. 51). Diz ela que é “possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes” (2017, p. 31). No que tange à linguagem, Magda também acreditava que era possível ensinar a língua sem desconsiderar as variantes linguísticas e sem reforçar o sistema de dominação que se expressa na e pela linguagem.

Para bell hooks (2021, p. 28), educar é sempre uma ação “arraigada na esperança”. Freirianamente – assim como Magda Soares, que reafirmou sua posição freiriana na referida entrevista de 2022, como se destacou –, bell hooks insiste na ideia da educação como possibilidade de agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo. Como educadores e educadoras, como expressa a intelectual, somos “afortunados”, pois “podemos atuar contra o reforço da cultura do dominador e dos preconceitos” (bell hooks, 2020, p. 57).

A educação progressista, segundo a autora, “talvez seja o único lugar em que as pessoas possam encontrar apoio para adquirir consciência crítica para se comprometer com o fim da dominação” (bell hooks, 2021a, p. 95). Ela refere o preceito de Malcom X: a educação precisa oferecer novas formas de enxergar o mundo e de se enxergar (bell hooks, 2020).

⁸ Na versão revisada (Editora Contexto, 2021, 18ª ed., 3ª reimpressão), Magda Soares substitui dialeto não padrão por *determinadas variedades*.

Sobre a escola, bell hooks entende que “precisamos que educadores transformem as escolas em espaços onde as condições para a consciência democrática possam se estabelecer e florescer” (2020, p. 43). Mais do que isso, segundo ela, a educação democrática depende “da vitória dos valores democráticos sobre o espírito da oligarquia que busca silenciar vozes diversas, proibir a liberdade de expressão e negar a cidadãos o acesso à educação” (2020, p. 44). Ela defendia uma pedagogia engajada na qual houvesse participação mútua, acolhimento, colaboração, troca entre pessoas, compartilhamento e movimento de ideias e compreensão de que se pode aprender juntos, professores e estudantes.

Para ela, a pedagogia engajada, baseada no diálogo⁹, “produz aprendizes, professores e estudantes, autônomos, capazes de participar inteiramente na produção de ideias”, e que, “como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura do pensamento crítico” (bell hooks, 2020, p. 81), formando uma comunidade de aprendizagem. Para ela, construir comunidade de aprendizagem é “compartilhar e receber as histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações” (2020, p. 92). Contudo, além disso, supõe consciência vigilante para trabalhar para enfraquecer os comportamentos que perpetuam a dominação (bell hooks, 2021).

A pensadora defende o “ensino como elemento permanente da experiência de mundo e da vida real” e caracteriza a sala de aula como “um ambiente de possibilidades” (bell hooks, 2021, p. 89), no qual é possível cruzar fronteiras e transgredir, caracterizando, então, a educação como prática da liberdade:

A sala de aula, como todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é educação como prática da liberdade (bell hooks, 2017, p. 273).

A sala de aula é vista como um contexto democrático, espaço de liberdade e ambiente de possibilidades onde agem forças progressistas. Estes são aspectos largamente discutidos nas obras de bell hooks. Magda Soares, em *Linguagem e Escola*, ao fazer a defesa de uma escola transformadora, também apresenta argumentos nessa direção. Ela afirma que a escola,

[...] não podendo ser *redentora*, também não é *impotente*: os antagonismos e contradições levam-na a ser, apesar de determinada pela estrutura social em que se insere, um espaço de atuação das forças progressistas, isto é, de forças que impelem em direção à transformação social, pela superação das desigualdades sociais.

Nessa perspectiva, bell hooks reafirma seu “compromisso apaixonado com uma visão de transformação social baseada na crença fundamental numa ideia radicalmente democrática de liberdade e justiça para todos” (bell hooks, 2017, p. 41). Essa também sempre foi uma preocupação e a luta incansável de Magda Soares. Em relação à escola, ela afirma que se trata de uma instituição muito importante para as classes populares, pois nela podem ser adquiridos, por esses grupos, conhecimentos e instrumentos necessários à luta contra as desigualdades sociais (SOARES, 1997).

9 Ela reafirma o diálogo como “o espaço central da pedagogia para o educador democrático (bell hooks, 2021, p. 93).

Essa mesma dimensão Magda Soares destacou especificamente no que tange ao ensino da língua materna:

Um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades (SOARES, 1997, p. 78)¹⁰.

Embora não se ocupando especificamente do ensino da língua, mas no sentido de construir estratégias pedagógicas que garantam as vozes das minorias nas salas de aula, bell hooks defende o direito de os alunos falarem “de múltiplas maneiras sobre diversos tópicos” (2017, p. 114). Ela afirma que as discussões recentes sobre diversidade e multiculturalismo “tendem a ignorar a questão da língua ou diminuir sua importância” (bell hooks, 2027, p. 231). Mais do que isso, diz que quando se dá conta

[...] de o quanto demorou para os americanos brancos reconhecerem as diversas línguas dos índios norte-americanos, para aceitarem que a fala que seus antepassados colonizadores haviam declarado ser mero grunhido ou algaravia era de fato *língua*, é difícil não ouvir sempre, no inglês padrão, os ruídos da matança e da conquista (bell hooks, 2017, p. 225).

A pensadora também se refere às línguas dos africanos escravizados, discutindo em que medida o inglês foi tomado como espaço de resistência, e diz que:

Aprender o inglês, aprender a falar a língua estrangeira, foi um modo pelo qual os africanos escravizados começaram a recuperar seu poder pessoal dentro de um contexto de dominação. De posse de uma língua comum, os negros puderam encontrar de novo um modo para construir a comunidade e o meio para criar a solidariedade política necessária para resistir.

Embora precisassem da língua do opressor uns com os outros, eles também reinventaram, refizeram essa língua para que ela falasse além das fronteiras da conquista e da dominação (bell hooks, 2017, p. 226).

Afirma que, nesse processo, os negros escravizados transformaram o inglês em uma contra-língua. Discutindo a complexa relação entre o inglês padrão e o vernáculo negro atual herdado dos africanos desalojados e escravizados, bell hooks aponta que há, em determinados espaços, um “apelo em favor do reconhecimento e da celebração das vozes diversificadas, e conseqüentemente de línguas e modos de falar diversificados” e isso “necessariamente rompe com a primazia do inglês padrão” (2017, p. 231).

As vozes e as línguas faladas pelas minorias ao longo da história estadunidense estiveram entre as preocupações de bell hooks, bem como a reflexão do caráter contra-hegemônico do vernáculo negro. Nesse sentido, em dimensões e contextos diferentes, Magda Soares e bell hooks, duas intelectuais críticas, pensaram a linguagem em sua dimensão hegemônica e contra-hegemônica, na perspectiva das variantes linguísticas, das linguagens de prestígio, da língua padrão e não-padrão e seus usos sociais, acadêmicos e escolares.

10 Na versão revisada (Editora Contexto, 2021, 18ª ed., 3ª reimpressão) Magda Soares substituiu dialeto de prestígio por linguagem de prestígio.

bell hooks faz uma contundente defesa das livrarias, das bibliotecas, do livro e da leitura, algo que Magda Soares tomou como princípio de vida. Para bell hooks, “uma cultura que não valoriza o livro como artefato, não valorizará a leitura” (2020, p. 201). Considerava que os livros são um convite à imaginação e ao pensamento crítico. Ademais, “quando os professores apoiam a educação democrática, automaticamente apoiam a difusão do letramento” (bell hooks, 2021, p.89). Assim, ela defendeu a manutenção de bibliotecas públicas, pois elas “são o espaço institucional onde a educação democrática fundamentada na alfabetização é mais valorizada” (2020, p. 202).

Ela reflete, ainda, sobre o ato de ler e sobre a função docente em relação a esse aspecto:

Ler permite a todo cidadão desta nação e do mundo assumir responsabilidade cívica. É impossível sermos agentes adequados de nosso ambiente, cuidando de nós mesmos e do mundo, sem a habilidade de ler. Professores em todos os contextos de educação são indivíduos que carregam a maior responsabilidade ética e política em promover o poder da leitura. [...] E não é possível haver aprendizado por meio do livro sem alfabetização. Estudantes que não têm habilidade básica de leitura não conseguem aprender a ler em sua capacidade total. (bell hooks, 2020, p. 204).

Veja-se que a intelectual relaciona alfabetização, habilidades e promoção da leitura a responsabilidade ética e política, algo que pautou a vida de Magda Soares, pelo qual ela lutou até o fim de sua vida, haja vista suas obras e sua experiência prática em escolas públicas¹¹.

Sobre o ensino do ler e do escrever, bell hooks afirmou que “a escola pública é a formação necessária para todo mundo; é dela a tarefa de ensinar estudantes a ler e escrever e [...] a se engajar em alguma forma de pensamento crítico” (2021, p. 89). Para ela, ensinar é um ato de resistência crítica, um ato político, e a alfabetização deve ser considerada “tanto um direito, quanto uma necessidade para a cidadania responsável” (bell hooks, 2020, p. 202). Ela denuncia o crescente número de analfabetos nos Estados Unidos, especialmente entre a população não-branca¹².

Ensinar como um ato político, especificamente a língua, é destacado e defendido por Magda Soares. Diz ela que no “ensino da língua, é fundamental que a escola e os professores compreendam que ensinar *por meio da língua* e, principalmente, ensinar *a língua* são tarefas não só técnicas, mas também políticas” (1997, p. 79). A dimensão política do ato educativo é um aspecto que aproxima as duas intelectuais. bell hooks (2017, p. 53) é clara ao afirmar que “nenhuma educação é politicamente neutra”. Na mesma direção, Magda afirma que toda escolha que fundamenta e orienta a prática pedagógica é política e, sendo a favor das camadas populares, “expressa um compromisso com a luta contra as discriminações e as desigualdades sociais” (SOARES, 1997, p. 79).

Para finalizar

A perspectiva política da educação, da escola e da linguagem está no cerne do pensamento de bell hooks e de Magda Soares, cada qual em seu contexto e seu tempo de produção e de trabalho, como enfatizado. Pensar uma educação transformadora, libertadora, inclusiva, a favor dos grupos populares pautou a vida e a obra das intelectuais. Preocupadas com os sujeitos social, cultural e economicamente excluídos, ambas escreveram, trabalharam e lutaram por uma escola qualitativamente melhor para eles. Nesse sentido, ambas as pensadoras revelaram, ao longo de suas vidas, compromisso social, político, ético e científico com os grupos subordinados.

11 Ver, em especial, o livro *Alfabetrar*. Toda criança pode aprender a ler e a escrever, 2020.

12 “Estudos recentes em alfabetização revelam que homens negros estão rapidamente formando um dos grupos mais analfabetos em nossa sociedade” (bell hooks, 2020, p. 203).

No contexto da educação, em todos os níveis de ensino, no caso de bell hooks, e em especial na alfabetização, no caso de Magda Soares, ambas combatiam a educação para submissão e defendiam, freirianamente, a educação como prática da liberdade, como possibilidade de construção da consciência crítica, através de pedagogias transformadoras. Reafirma-se, pois, a ancoragem freiriana do pensamento de ambas as intelectuais.

Também cada uma a seu modo e em seu contexto, Magda Soares e bell hooks denunciaram as desigualdades sociais e suas relações com o desempenho dos alunos, reconheceram a diversidade cultural e sua importância no contexto escolar, defenderam a importância da qualidade da escola para as minorias, reconheceram as possibilidades de uma pedagogia transformadora, destacaram a importância da atuação das forças progressistas no ambiente escolar e reafirmaram a sala de aula como um espaço possível para o exercício da diversidade, da alteridade, da crítica, da cidadania, da manifestação das diversas culturas e da formação integral. No caso de Magda Soares, em especial a escola pública foi seu foco de trabalho e produção. Ainda em 2022, ela reafirmou que sua trajetória foi voltada para a “compreensão do lugar social e cultural do ensino da leitura e da escrita em confronto com o que vinha, e vem ainda, ocorrendo, como resultado da alfabetização nas escolas, particularmente nas escolas públicas que atendem à maior parte das crianças e jovens das camadas populares” (SOARES, 2022, p. 7).

Por suposto que *Linguagem e Escola* não é somente isso que foi aqui destacado, tampouco são os três livros de bell hooks. A obra e o conjunto da produção de Magda Soares, bem como de bell hooks, são muito mais do que foi enfatizado neste ensaio. Entretanto, a (re)leitura dos livros em pauta permitiu, por ora, perceber sintonias nessas duas grandes intelectuais que tantas contribuições trouxeram, tem trazido e trarão ao pensamento crítico, à educação e à escola.

Magda Soares e bell hooks já partiram, deixando um imenso vácuo em nossas vidas pessoais e acadêmicas, só preenchido pelo grande legado que deixaram com suas obras e seus incansáveis trabalhos em prol da justiça, da diversidade, da igualdade, no combate à desigualdade social, na defesa de uma escola mais igualitária e a favor das camadas populares. Entretanto, acima de tudo, nos deixaram um legado de esperança, que se expressa em palavras que escreveram e que nos encorajam a seguir sempre em frente, acreditando no poder da educação, da escola e persistentes em nosso trabalho como educadores e educadoras:

[...] o que uma escola comprometida com a luta contra as desigualdades pode fazer é vitalizar e direcionar adequadamente as forças progressistas nela presentes e garantir às classes populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social (SOARES, 1997, p. 73).

Por isso mesmo que:

Não podemos nos desencorajar facilmente. Não podemos nos desesperar diante dos conflitos. Temos de afirmar nossa solidariedade por meio da crença num espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha a divergência e se regozije com a dedicação coletiva à verdade (bell hooks, 2017, p. 50).

Referências

- bell hooks. *Ensinando a transgredir*. A educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- bell hooks. *Ensinando pensamento crítico* – sabedoria prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- bell hooks. *Ensinando comunidade* – uma pedagogia da esperança. Tradução de Kemia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.
- HADDAD, Sérgio. Prefácio à edição brasileira. Paulo Freire e bell hooks: um encontro permanente. In: bell hooks. *Ensinando pensamento crítico* – sabedoria prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- SOARES, Magda. *Linguagem e Escola*. Uma perspectiva social. 15 ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- SOARES, Magda. *Linguagem e Escola*. Uma perspectiva social. 18 ed. 3ª reimpressão São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- SOARES, Magda. *Alfabetrar*. Toda criança pode aprender a ler e a escrever, São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- SOARES, Magda. Entrevista à Ana Ruth Moresco Miranda. *Cadernos de Educação*. Pelotas, n. 66, e 056622, 2022, p. 01-20.

Recebido em: 19/06/2023

Aceito em: 15/08/2023